

CHARLES TAYLOR

COLEÇÃO
ABERTURA
CULTURAL

ÉTICA
a **ÉTICA** da
autenticidade



A ÉTICA DA AUTENTICIDADE

Charles Taylor

TRADUÇÃO DE TALYTA CARVALHO



Realizações
Editora

Capítulo 1 | Três Mal-estares

Quero escrever aqui sobre alguns dos mal-estares da modernidade. Quero dizer com isso características de nossa cultura e sociedade contemporâneas que as pessoas experimentam como uma perda ou um declínio, mesmo enquanto nossa civilização “se desenvolve”. Às vezes, as pessoas sentem que algum declínio importante ocorreu durante os últimos anos ou décadas – desde a Segunda Guerra Mundial, ou desde os anos 1950, por exemplo. E, por vezes, a perda é sentida ao longo de um período histórico muito maior: a era moderna de todo o século XVII é frequentemente vista como marco inicial do declínio. No entanto, embora a escala temporal possa variar enormemente, há certa convergência sobre os temas do declínio. Eles são, em geral, variações de poucas melodias centrais. Quero escolher aqui dois desses temas centrais, e então lançar um terceiro que, em grande parte, deriva destes dois. De maneira alguma esses três esgotam o tópico, mas eles alcançam boa parte do que nos preocupa e nos deixa perplexos a respeito da sociedade moderna.

As preocupações de que falarei são bastante familiares. Ninguém precisa ser lembrado delas; elas são discutidas, lamentadas, desafiadas e debatidas o tempo todo nos mais variados meios. Isso soa como uma razão para não falar mais ainda delas. Mas acredito que essa grande familiaridade esconda o espanto, que nós não entendamos de fato essas mudanças que nos preocupam, que a maneira

pela qual o debate normalmente é conduzido as deturpa – e, assim, faz-nos compreender mal o que podemos fazer a respeito delas. As mudanças que definem a modernidade são tanto bem conhecidas quanto muito desconcertantes, e é por isso que ainda vale a pena falar delas um pouco mais.

(1) A primeira fonte de preocupação é o individualismo. É claro que individualismo também denomina o que muita gente considera a maior conquista da civilização moderna. Nós vivemos em um mundo no qual as pessoas possuem o direito de escolher por si mesmas o próprio modo de vida, de decidir conscientemente quais convicções abraçar, de determinar o formato de sua vida em uma série de maneiras que seus antepassados não podiam controlar. E esses direitos geralmente são defendidos por nossos sistemas legais. Em princípio, as pessoas não são mais sacrificadas às demandas de ordens supostamente sagradas que as transcendem.

Pouquíssimas pessoas querem retroceder nessa conquista. Na realidade, muitas acham que ela ainda está incompleta, que arranjos econômicos ou padrões da vida em família, ou as noções tradicionais de hierarquia, ainda restringem muito a liberdade de sermos nós mesmos. Mas muitos de nós também somos ambivalentes. A liberdade moderna foi ganha por nossa fuga dos antigos horizontes morais. As pessoas costumavam se ver como parte de uma ordem maior. Em alguns casos, esta era uma ordem cósmica, “a grande cadeia do Ser”, na qual os homens figuravam em lugar determinado; assim como os anjos, corpos celestiais, e as criaturas terrenas, nossos pares. Essa ordem hierárquica no universo se refletia nas hierarquias da sociedade humana. As pessoas eram frequentemente fixadas em determinado lugar, papel e estrato que eram propriamente delas e dos quais era quase impensável se desviar. A liberdade moderna surgiu pelo descrédito de tais ordens.

Mas, ao mesmo tempo que nos limitavam, essas ordens davam significado ao mundo e às atividades da vida social. As coisas que nos

circundavam não eram apenas matéria-prima ou instrumentos potenciais para nossos projetos, mas tinham o significado dado a elas por seu lugar na cadeia do ser. A águia não era apenas mais um pássaro, mas a líder de todo um domínio da vida animal. Da mesma forma, os rituais e normas da sociedade tinham mais do que um significado meramente instrumental. O descrédito dessas ordens é o que tem sido chamado de “desencantamento” do mundo. Com ele, as coisas perderam parte de seu encanto.

Um forte debate acerca de isso ter sido uma coisa boa inequivocamente vem ocorrendo há dois séculos. Mas não é o que eu quero focar aqui. Prefiro olhar para o que alguns viram serem as consequências para a vida humana e seu significado.

A preocupação de que o indivíduo perdeu algo importante com os horizontes sociais e cósmicos maiores de ação tem sido expressa de maneira repetida. Alguns têm escrito sobre isso como a perda da dimensão heroica da vida. As pessoas não possuem mais a sensação de um propósito maior, de algo pelo qual vale a pena morrer. Alexis de Tocqueville por vezes falou desse modo no século passado, referindo-se aos “prazeres pequenos e vulgares” que as pessoas tendem a buscar na era democrática.¹ Articulado de outra forma, nós sofremos de falta de paixão. Kierkegaard viu o “tempo presente” nesses termos. E os “últimos homens” nietzschianos estão no limiar final desse declínio; eles não possuem mais nenhuma aspiração na vida a não ser um “lamentável conforto”.²

Tal perda de propósito estava ligada a um estreitamento. As pessoas perderam a visão mais abrangente porque se centraram na vida individual. A igualdade democrática, diz Tocqueville, orienta o indivíduo para si mesmo, “*et menace de le renfermer enfin tout entier dans*

¹ Alexis de Tocqueville, *De la Démocratie en Amérique*, v. 2. Paris, Carnier-Flammarion, 1981, p. 385.

² “Erbärmliches Behagen”. In: *Also Sprach Zarathustra*. Prefácio de Zarathustra, parte 3.

*Prinzip
e
Kierkegaard*

la solitude de son propre coeur".³ Em outras palavras, o lado sombrio do individualismo é o centrar-se em si mesmo, que tanto nivela quanto restringe nossa vida, tornando-a mais pobre em significado e menos preocupada com os outros ou com a sociedade.

Recentemente, essa preocupação veio à tona novamente no que diz respeito aos frutos de uma "sociedade permissiva", os feitos da "geração eu", ou a prevalência do "narcisismo", para tomar apenas três das mais conhecidas formulações contemporâneas. O sentido de que vidas foram niveladas e estreitadas, e de que isso está ligado a uma autoabsorção anormal e lamentável, voltou em formas específicas à cultura contemporânea. Isto define o primeiro tema do qual quero tratar.

(2) O desencantamento do mundo está ligado a outro fenômeno massivamente importante da Idade Moderna, que também perturbava bastante muitas pessoas. Nós podemos chamá-lo de primazia da razão instrumental. Por "razão instrumental" quero dizer o tipo de racionalidade em que nos baseamos ao calcular a aplicação mais econômica dos meios para determinado fim. Eficiência máxima, a melhor relação custo-benefício, é sua medida de sucesso.

Não há dúvida de que o solapar das velhas ordens alargou imensamente o âmbito da razão instrumental. Uma vez que a sociedade não possui mais uma estrutura sagrada, que os arranjos sociais e os modos de ação não estão mais fundamentados na ordem das coisas ou na vontade de Deus, eles estão, em certo sentido, "disponíveis". Podem ser redefinidos tendo suas conseqüências voltadas para a felicidade e o bem-estar dos indivíduos como nossa meta. O critério que doravante se aplica é o da razão instrumental. De maneira similar, uma vez que as criaturas que nos cercam perdem o significado que lhes foi atribuído de acordo com seu lugar na cadeia dos seres, elas podem ser tratadas como matéria-prima ou instrumentos para nossos projetos.

³ Tocqueville, op. cit., p. 127.

Por um lado, essa mudança foi libertadora. Por outro, há também um mal-estar generalizado de que a razão instrumental não só ampliou seu âmbito como também ameaça dominar nossa vida. O medo é de que coisas que deveriam ser determinadas por outros critérios serão decididas em termos de eficiência ou análises de “custo-benefício”, de que os fins independentes que deveriam guiar nossa vida serão eclipsados pela demanda para maximizar a produção. Há diversas coisas que se pode indicar que dão substância a essa preocupação: por exemplo, os modos com que as demandas do crescimento econômico são usadas para justificar distribuições bastante desiguais de riqueza e renda, ou a maneira pela qual essas mesmas demandas nos tornam insensíveis às necessidades do meio ambiente, até mesmo a ponto de um desastre potencial. Ou, então, podemos pensar no modo em que boa parte de nosso planejamento social, em áreas cruciais como avaliação de riscos, é dominada por formas de análises de custo-benefício que envolvem cálculos grotescos, colocando valores tributáveis em vidas humanas.⁴

A primazia da razão instrumental também é evidente no prestígio e na aura que envolvem a tecnologia e nos faz acreditar que deveríamos buscar soluções tecnológicas mesmo quando se faz necessário algo muito diferente. Vemos isso com frequência na esfera política, como Bellah e seus colegas forçosamente argumentam em seu novo livro.⁵ Entretanto, também invade outros domínios, como a medicina. Patricia Benner argumentou em diversos trabalhos importantes que a abordagem tecnológica na medicina frequentemente deixou de lado o tipo de cuidado que envolve tratar o paciente como uma pessoa completa com uma história de vida, e não como lócus de um problema técnico. A sociedade e a comunidade médica não raro subestimam a contribuição das enfermeiras, que, com mais frequência do que os

⁴ Para os absurdos desses cálculos, ver R. Bellah et. al., *The Good Society*. Nova York, Knopf, 1991, p. 114-19.

⁵ *Ibidem*, capítulo 4.

especialistas com conhecimento *high-tech*, oferecem esse cuidado sensível de maneira mais humana.⁶

O lugar predominante da tecnologia também é pensado como tendo contribuído para o estreitamento e nivelamento da vida, que acabei de discutir em relação ao primeiro tema. As pessoas falaram de uma perda de ressonância, profundidade ou riqueza nos nossos arredores. Há quase 150 anos, Marx, no *Manifesto Comunista*, destacou que um dos resultados do desenvolvimento capitalista era que “tudo o que é sólido desmancha no ar”. A afirmação é de que os objetos sólidos, duradouros, muitas vezes expressivos, que nos serviram no passado estão sendo postos de lado pelas *commodities* substituíveis, rápidas e malfeitas com as quais agora nos cercamos. Albert Borgman fala do “paradigma do dispositivo” pelo qual removemos mais e mais de “comprometimento diverso” com nosso ambiente e, em vez disso, pedimos e adquirimos produtos desenvolvidos para entregar algum benefício específico restrito. Ele compara o que está envolvido em aquecer nossos lares, o contemporâneo aquecedor central, com o que essa mesma função implicava em tempos pioneiros, quando toda família tinha de estar envolvida em cortar e empilhar a madeira e alimentar o forno ou a lareira.⁷ Hannah Arendt se concentrou na qualidade cada vez mais efêmera dos objetos modernos de uso e argumentou que “a fatuidade e a fidedignidade do mundo humano se encontram primeiro no fato de que somos cercados por coisas mais permanentes do que as atividades pelas

⁶ Ver especialmente Patricia Benner e Judith Wrubel, *The Primacy of Caring: Stress and Coping in Health and Illness*. Menlo Park, CA, Addison-Wesley, 1989.

⁷ Albert Borgman, *Technology and the Character of Contemporary Life*. Chicago, University of Chicago Press, 1984, p. 41-42. Borgman parece mesmo ecoar a figura do “último homem” de Nietzsche quando afirma que a promessa libertadora original da tecnologia pode degenerar na “busca de conforto frívolo” (p. 39).

quais foram produ
mundo de como

Essa sensação
tal primazia não é
consciente para a
na. Como tal, seri
vez cedesse à pers
poderosos da vida
independente, ape
condições do mer
acha destrutiva. U
forçado pelas reg
sabe ser contra a

Marx, Weber
nismos impessoal
ferro”. Algumas
que estamos tota
mínimo desampa
ritucionais sob as
o mercado e o Es
equivale a dizer q

Quero voltar
de fatalidade seja
de não são zero. E
fins, e se a razão
nossa vida. Mas
uma mudança de
ção de conflito et
te. A mudança ne

⁸ Hannah Arendt
Edition, 1959, p.

quais foram produzidas”.⁸ Essa permanência fica sob ameaça em um mundo de *commodities* modernas.

Essa sensação de ameaça é aumentada pelo conhecimento de que tal primazia não é apenas uma questão de uma orientação talvez inconsciente para a qual somos estimulados e atraídos pela era moderna. Como tal, seria difícil o bastante combatê-la, mas pelo menos talvez cedesse à persuasão. No entanto, também é claro que mecanismos poderosos da vida social nos pressionam nessa direção. Uma gerente independente, apesar da própria orientação, pode ser forçada pelas condições do mercado a adotar uma estratégia maximizadora que acha destrutiva. Um burocrata, apesar de sua visão pessoal, pode ser forçado pelas regras sob as quais opera a tomar uma decisão que ele sabe ser contra a humanidade e o bom-senso.

Marx, Weber e outros grandes teóricos exploraram esses mecanismos impessoais, que Weber designou com a expressão “jaula de ferro”. Algumas pessoas quiseram tirar dessa análise a conclusão de que estamos totalmente desamparados diante de tais forças, ou no mínimo desamparados a menos que desmantelemos as estruturas institucionais sob as quais temos operado nos últimos séculos – isto é, o mercado e o Estado. Essa ambição parece tão irrealizável hoje que equivale a dizer que estamos desamparados.

Quero voltar a isso depois, mas acredito que essas teorias sólidas de fatalidade sejam abstratas e equivocadas. Nossos graus de liberdade não são zero. Há um momento de deliberar o que devem ser nossos fins, e se a razão instrumental deve desempenhar um papel menor em nossa vida. Mas a verdade nessas análises é que não se trata apenas de uma mudança de perspectiva dos indivíduos, não é apenas uma questão de conflito entre “corações e espíritos”, ainda que seja importante. A mudança nesse domínio terá de ser também institucional, muito

⁸ Hannah Arendt, *The Human Condition*. Garden City, NJ, Doubleday, Anchor Edition, 1959, p. 83.

embora não possa ser tão radical e total quanto os grandes teóricos da revolução propunham.

(3) Isso nos leva ao nível político e às temidas consequências do individualismo e da razão instrumental para a vida política. Uma delas eu já introduzi. É a de que as estruturas e instituições da sociedade industrial tecnológicas restringem severamente nossas escolhas, que elas forcem tanto as sociedades quanto os indivíduos a atribuir um peso à razão instrumental que, em uma deliberação moral séria, nós jamais atribuiríamos, e que pode até ser altamente destrutiva. Um caso em questão é a nossa dificuldade em enfrentar até mesmo ameaças vitais oriundas de desastres ambientais à nossa vida, como a diminuição da camada de ozônio. A sociedade estruturada em torno da razão instrumental pode ser vista como impondo uma grande perda de liberdade, no indivíduo e no grupo – porque não são somente nossas decisões sociais que são moldadas por essas forças. Um estilo de vida individual também é difícil de sustentar contra a inclinação natural. Por exemplo, o design de algumas cidades modernas torna difícil seu funcionamento sem um carro, especialmente onde o transporte público foi gradualmente destruído em favor do veículo privado.

Mas há outro tipo de perda de liberdade, que também foi amplamente discutido, mais memoravelmente por Alexis de Tocqueville. Uma sociedade em que as pessoas acabam sendo o tipo de indivíduo que é “fechado em seu próprio coração” é aquela em que poucos vão querer participar ativamente no autogoverno. Eles preferirão ficar em casa e desfrutar as satisfações da vida privada, contanto que o governo vigente produza os meios para tais satisfações e os distribua abertamente.

Isso expõe o perigo de uma nova, especificamente moderna, forma de despotismo, que Tocqueville chama de despotismo “suave”. Não será uma tirania do terror e da opressão como antigamente. O governo será moderado e paternalista. Pode até manter formas democráticas, com eleições periódicas. Mas, na realidade, tudo será

governado por um
terá pouco contro
é uma vigorosa cu
em muitos níveis
Mas o atomismo
que a participaçã
seus veículos mut
perante um estad
potente. Isso des
despotismo suave

Talvez algo co
te perda do contr
altamente central
nens viram a obr
curremos o risco
algo que poderia
Tocqueville cham
é a nossa dignida
cidadãos podem
dade, mas a per
as escolhas resta
irresponsável po

Este, então,
tar neste livro.
de perda do sig
O segundo diz re
ção da razão ins
Evidentemer
cupações que sã

¹ Tocqueville, op

² Veja, por exem
of California Pr

governado por um “enorme poder tutelar”⁹ sobre o qual o povo terá pouco controle. A única defesa contra isso, pensa Tocqueville, é uma vigorosa cultura política na qual a participação é valorizada, em muitos níveis do governo e nas associações voluntárias também. Mas o atomismo individual autoabsorto luta contra isso. Uma vez que a participação diminui, que as associações periféricas que eram seus veículos murcham, o cidadão individual é abandonado sozinho perante um estado burocrático vasto e se sente, corretamente, impotente. Isso desmotiva o cidadão ainda mais, e o ciclo vicioso do despotismo suave está posto.

Talvez algo como essa alienação da esfera pública e a consequente perda do controle político estejam acontecendo em nosso mundo altamente centralizado e politizado. Muitos pensadores contemporâneos viram a obra de Tocqueville como profética.¹⁰ Se é assim, o que corremos o risco de perder é o controle político sobre nosso destino, algo que poderíamos exercer em comum como cidadãos. É isso que Tocqueville chama de “liberdade política”. O que está ameaçada aqui é a nossa dignidade como cidadãos. Os mecanismos impessoais mencionados podem reduzir nossos graus de liberdade como uma sociedade, mas a perda de liberdade política significaria que até mesmo as escolhas restantes não seriam mais feitas por nós, mas sim pelo irresponsável poder tutelar.

Este, então, são os três mal-estares modernos de que quero tratar neste livro.¹ O primeiro medo é sobre o que poderíamos chamar de perda do significado, o enfraquecimento dos horizontes morais.² O segundo diz respeito ao eclipse dos propósitos diante da disseminação da razão instrumental.³ E o terceiro é sobre a perda da liberdade.

Evidentemente, eles não são incontroversos. Eu falei de preocupações que são disseminadas e mencionei autores influentes, mas

⁹ Tocqueville, op. cit., p. 385.

¹⁰ Veja, por exemplo, R. Bellah et al., *Habits of the Heart*. Berkeley, University of California Press, 1985.

nada aqui é reconhecido. Mesmo aqueles que compartilham alguma forma dessas preocupações disputam vigorosamente sobre como deveriam ser formuladas. E há muitas pessoas que querem dispensá-las sem pensar duas vezes. Aqueles que estão profundamente no que os críticos denominaram “cultura do narcisismo” pensam que seus opositores anseiam por uma era passada, mais opressiva. Adeptos da razão tecnológica moderna acham que os críticos da primazia da razão instrumental são reacionários e obscurantistas, que planejam negar ao mundo os benefícios da ciência. E existem defensores da mera liberdade negativa que acreditam que o valor da liberdade política é exagerado, e que uma sociedade em que a administração científica se combina com a máxima independência para cada indivíduo é o que deveríamos visar. A modernidade tem seus incentivadores assim como seus críticos.¹¹

Não há concordância aqui e o debate continua. Mas, no decorrer desse debate, a natureza essencial dos desenvolvimentos, que estão sendo desprezados aqui e louvados lá, é frequentemente mal compreendida. E, como resultado, a verdadeira natureza das escolhas morais a serem feitas está obscurecida. Em particular, reivindicarei que o caminho correto a ser tomado não é nem o recomendado por incentivadores convictos nem o favorecido pelos totalmente críticos. Tampouco será um mero balanço entre vantagens e custos do, digamos, individualismo, da tecnologia e da administração burocrática que oferecerá a resposta. A natureza da cultura moderna é mais sutil e complexa que isso. Quero reivindicar que tanto os incentivadores quanto os críticos estão corretos, mas de uma maneira que não pode fazer justiça por meio de um simples equilíbrio entre vantagens e custos. Na realidade, há tanto muito que se admirar quanto muito que se depreciar e se assustar em todos os desenvolvimentos que tenho descrito, mas entender a relação entre essas duas coisas é perceber

¹¹ No original: *boosters e knockers*. (N. T.)

que a questão n
quências ruins,
desenvolviment
formas degrada

Agora eu n
saria para trata
isso proponho
meiro tema, a r
significado. Vou
ter alguma idei
como um trata
A maior parte
eixo de preocu
forma ela se col

que a questão não é quanto você terá de pagar, em matéria de consequências ruins, por frutos positivos, mas, antes, como direcionar tais desenvolvimentos para sua melhor promessa e evitar o deslize para as formas degradadas.

Agora eu não tenho nada parecido com o espaço de que precisaria para tratar de todos esses três temas como eles merecem, por isso proponho um atalho. Vou me lançar a uma discussão do primeiro tema, a respeito dos perigos do individualismo e da perda do significado. Vou prosseguir nessa discussão em larga medida. Após ter alguma ideia de como tal questão deve ser tratada, irei sugerir como um tratamento similar dos outros dois temas pode ocorrer. A maior parte da discussão, portanto, concentrar-se-á no primeiro eixo de preocupação. Vamos examinar em mais detalhes sob qual forma ela se coloca hoje.

tilham alguma
obre como de-
m dispensá-las
ente no que os
que seus opo-
Adeptos da ra-
nazia da razão
lanejam negar
res da mera li-
dade política é
ão científica se
víduo é o que
es assim como

is, no decorrer
tos, que estão
nte mal com-
das escolhas
, reivindicarei
mendado por
nente críticos.
stos do, diga-
o burocrática
ia é mais sutil
ncentivadores
que não pode
tagens e cus-
to muito que
os que tenho
as é perceber